

RESUMO - 03. GÊNERO, INTERSECCIONALIDADES, CUIDADOS E  
PRÁTICAS DE HISTÓRIA PÚBLICA | HÍBRIDO

**O PALQUINHO E O MÊS DA VISIBILIDADE LÉSBICA: ENTREVISTA  
PÚBLICA E NARRATIVAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS –  
MG**

*Larissa De Souza Inácio Brandão (larissa.brandao@sou.unifal-mg.edu.br)*

Esta comunicação oral busca compartilhar narrativas de uma entrevista pública, em que escolhemos dar ouvidos às pessoas que nos emprestam suas vozes (Rovai, 2020), no caso um casal de mulheres lésbicas, a partir de uma entrevista pública realizada em agosto de 2025, na Universidade Federal de Alfenas. O AMHOR (Acervo de Memória e História no Orgulho Sul Mineiro) é grupo voltado à pesquisa em história oral e à criação de um acervo virtual sobre as memórias e histórias LGBTQIA+, com foco em pesquisa, produção de fontes e práticas escolares sob a perspectiva da História Pública. O projeto é coordenado pela Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai, com a participação de alunos da universidade. A entrevista ocorreu no campus sede da UNIFAL, em um dos espaços de convivência mais frequentados pela comunidade acadêmica e externa, carinhosamente conhecido como “palquinho”. Desde 2003, o mês de agosto é dedicado, no Brasil, ao orgulho e à visibilidade das lesbianidades, celebrando a existência, a luta e as múltiplas histórias que compõem essas corpos. Duas datas se destacam nesse período: 19 de agosto, em referência ao Levante do Ferro's Bar, ocorrido em 1983, na cidade de São Paulo, e 29 de agosto, que marca a realização do primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), realizado no Rio de Janeiro em

1996 (Fatumma, 2023). Ao longo do mês, diversas manifestações artísticas, celebrações, protestos e encontros acontecem em todo o país, de forma presencial e digital, reafirmando a importância da visibilidade lésbica e da construção coletiva de memórias daquelas que historicamente reivindicam suas existências em uma sociedade marcada pela lesbofobia. Neste sentido, promovemos a entrevista pública com o casal formado por uma mulher branca e uma mulher indígena, ambas com significativa atuação política na cidade e no movimento estudantil, buscando praticar uma História Pública que ocupe espaços não convencionais da universidade, para além das salas de aula, com o intuito de democratizar, diversificar e dialogar, promovendo reflexões críticas e participativas com diferentes públicos (Rovai, 2018). Inspirados na proposta de “levantar a quarta parede”, que rompe a separação entre entrevistado e público, convidando-os a participar ativamente do processo de escuta e diálogo (Santhiago, 2021), buscamos desafiar a lógica cis, heteropatriarcal e lesbofóbica que insiste em não reconhecer as corpos lésbicas como mulheres (Wittig, 2022). Assim, reafirmamos a presença das lesbianidades nos mais diversos espaços, especialmente os públicos, questionando a história oficial que, por meio de apagamentos e exclusões, construiu um imaginário social que silencia e marginaliza as mulheres que amam mulheres.

Palavras-chave: visibilidade lésbica; entrevista pública; narrativas; universidade federal de alfenas.